

# Perola

JORNAL LITTERARIO—QUINZENAL

—\* Assignaturas\*—

Semestre . . . . . 250 reis  
Com estampilha . . . . . 300 reis  
Avulso . . . . . 30 reis  
Redacção e Administração—Rua da Graça, Ovar

Proprietario e Editor

Antonio Augusto Veiga

Composição e impressão, Typ. «Ovarense»—Ovar

DIRECTOR—Francisco d'Oliveira Belle  
DIRECTOR Charadistico—Manoel D. Silva  
REDACTOR—Francisco d'Oliveira Gomes  
ADMINISTRADOR—Manoel Alves Correia

Os originaes publicados ou não, não se restituem.

## Soneto



Quando ela percebeu que eu bem gostava d'ela  
A flor do rosto oval tornou-se-lhe côrada;  
E o mimo do carmim tinha a expressão tão bela  
Que senti dentro em mim nascer a madrugada.

A voz emudeceu-me então que tive medo  
De ferir uma alma extremamente fina:  
Falar n'este momento era assentar um dedo  
N'uma petala viva e fresca de bonina.

Pois eu que sou um rude e gosto da rudeza,  
Porque é nela que encontro a vida mais flagrante,  
Sinto agora, em requinte, uma delicadeza...

Vejo nesta mulher sensível uma flor,  
E receio dizer-lhe, ajoelhando adeante,  
Que esta dolicadeza é o verdadeiro amor.

A. Emiliano da Costa.

de escombros de mais de 40 igrejas, monumentos e outros edificios importantes e juncada de dezenas de cadaveres.

Eis, em rapido esboço, o que foi Ferrer. Um homem, que, pretendendo fazer a revolução pelas ideias, não soube esperar que a sociedade sob o seu influxo, evoluçionasse e se converteu n'um exaltado e perigosissimo anarquista: um grande amigo da humanidade tornado o seu peor inimigo.

D'aqui o ter sido ultimamente justicado e fusilado no forte de Montjuich.

Considerado assim de baixo d'este duplo aspecto de revolucionario da ideia e depois anarquista pelo facto, Ferrer poderia inspirar-nos não tão sómente horror, se as suas doutrinas não fossem reconhecida e perniciososa utopia para os nossos tempos. Assim toda a nossa sympathia d'elle se affasta.

Marcello.

## CHRONICA

Por mais que tentemos tapar o ouvido não conseguimos evitar que elle vibre com o som d'este nome: Ferrer.

Tudo para ahi falla de Ferrer, santo Deus!

Uns em bem, outros em mal e outros ainda nem em bem nem em mal.

Quem foi Ferrer?

Um subdito do rei de Hespanha, fundador de algumas dezenas de escolas onde se ministravam ideias contra todo o existente; onde se introduzia no cerebro dos seus alumnos a semente da revolução contra a actual ordem de coisas; onde se ensinava a formula mais moderna de curar todas as desigualdades e males sociais e que consistia simplesmente n'isto: «nem Deus, nem fé, nem patria, nem lei.»

Foi um homem que sonhou para o ser humano um grau tal de perfeição, que, attingido elle, não nos seria preciso Deus, porque a nossa felicidade estava nas nossas proprias perfeições; não precisaríamos de religião ou fé, que nos levasse e inculcasse a pratica da virtude, porque toda a nossa actividade de seres tão aperfeiçoados, apenas a isso se reduziria; não precisaríamos de patria, porque a nossa bondade sem limites teria de-

dicações a mutuar na humanidade inteira; nem precisaríamos de lei, porque a vontade de cada cidadão seria um código unico de todos os nossos deveres e direitos, que todos saberíamos cumprir e zelar, sem a minima offensa do direito alheio.

Foi um homem que pretendeu emfim com a sua escola moderna transformar os maus habitos da natureza humana, derradicando-lhe todos os defeitos e ruins inclinações e convertendo-a no *homo sapiens* sem uma fraqueza de que houvesse de arrepende-se, sem um crime por que houvesse de ser punido.

Mas, ao passo que Ferrer foi o homem que olhava com desvanecimento e amor para o sonho da sua obra de perfeição ideal o homem fu-

turo, foi tambem a fera que via com um mixto de nojo e odio selvagem a sociedade actual. E então, enquanto adentro das suas escolas tratava de crear o novo Adão para o paraizo terreal que elle ideára, planeava cá fóra o exício, a destruição até aos seus fundamentos da nossa sociedade, por meio de bombas e outras machinas infernaes portadoras fecundas de mortes e ruinas.

E para que a sementeira d'estas desgraças fôsse abundante e fatal aos que elle pretendia aniquilar, aconselhava que as bombas, balas e punhaes fôsem envenenados; assim difficilmente escapariam os que ellas attingissem, ainda que levemente.

É esta obra de destruição ensaiou-a elle durante 8 dias em Barcelona, que ficou cheia

N. R.—Discordamos das ideias do nosso collaborador, sobre Ferrer.

Damos-lhes, todavia, guarida nas columnas da «Perola» pela muita consideração que lhe devemos. É assim mostramos o nosso espirito de imparcialidade e respeito ás opiniões alheias.

## Concurso de Belleza

Votos até hoje contados

Ex.<sup>mas</sup> Snr.<sup>as</sup>

|                     |         |
|---------------------|---------|
| D. G. L. F.         | 6 votos |
| D. M. da L. C. e C. | 4       |
| D. M. A. de P. N.   | 3       |
| D. I. A.            | 2       |
| D. R. B. de Q. A.   | 2       |
| D. P. G. P.         | 1       |
| D. Z. G. P.         | 1       |

### Ambulancia

«Salsapica»—Parece-nos que não tem razão de ser a pergunta de V. Ex.<sup>a</sup>

As condições em que assenta o concurso e, mais ainda, o seu caracter d'eleição ou plebiscito, exclue a ideia do jury, Pedindo aos nossos leitores o seu voto para a mulher mais linda d'Ovar, ficámos ao dispôr do criterio soberano das maiorias, alheios a tudo o que não seja mero trabalho de direcção e expediente.

Será acertada a escolha? Nada temos com isso. O premio será dado áquella Senhora que a maioria dos votos designar, sem que da nossa parte, como directores d'este concurso, haja uma palavra de reparo ou protesto. E, assim, salva-se a honra do convento.

Não entende a justiça dos nossos considerandos?

## De Perfil

D. A. D. S.

E' uma figura delicada de biscuit, de carnes transparentes. O marmore é mais

claro, porque nos seus póros não ha sangue.

Tem a carnação mimosa das filhas d'Albion, mas temperamento de meridional.

Seus dentes que um sorriso immarcessivel e ineffavel desvenda, são alvos e brilhantes como as pérolas do seu collar.

Viva, espirituosa, captiva pela sua immensa graciosidade.

Natural nas suas maneiras, simples, d'uma simplicidade que encanta, é meiga e terna como a bondade.

Prendada com uma bella educação, possui um exquisito gosto artistico.

A illusão floresce em seu espirito e o seu ideal touca-se com as graças do de Julieta.

Quem conhece a sua bella alma dirá que D. Anatilde adora o romantismo, que concede ainda á existencia algumas perfumadas flores, e que de bôamente trocaria o tapete de violetas, vicejando á sombra da vinha marginal ao rio, pela rutila escada de sêda atirada da janella á gondola prateada, que arfa no seio das aguas.

A. Peles

### D. M. J. MARQUES

De estatura mediana e franzina, é todavia opulenta de graças.

Divertida e alegre a sua intenção é pura como o lume das estrellas. As suas palavras respiram a candura de quem embala no seio a innocencia immaculada.

Não sabe o que é a fealdade da mentira, nem a baixeza do odio. Amavel, simples e bôa é melindrosa, mas sabe esquecer e perdoar todo o resentimento.

Em seu coração abrigam-se todos os bons sentimentos. E' sensível a todo o mal, é misericordiosa: a sua compaixão tem lagrimas, que lhe escaldam a face.

Não é arrebatada. A sua viveza juvenil não tem descomedimentos, nem ardores mal soffridos. Na sua frente ha sempre aquella placidez luminosa e transparente da superficie tranquilla dos lagos.

Não a estonteiam os grandes ruidos da vida das salas, mas detesta a solidão. Todavia é sonhadora e os seus olhos grandes, luminosos e profundos, parece que

andam na pista d'uma felicidade distante.

G. O. Y. A.

### S. Martinho

(O que pensa um irmão... velho)

O outomno decorria n'uma d'estas amenidades de temperatura e ceu limpido, que fazem recordar os mais claros e calmos dias de primavera. Setembro despedira ao findar uns bellos lampejos de manhã transparentes d'ouro e saphira e de poentes d'horizontes profundos e purpuros.

A terra gretava sob a relva, exhalando para atmospheria a ultima gotta d'humidade, que lhe emprestaram as primeiras chuvas da estação.

As arvores exhaustas na maturação de seus fructos, ostentavam raras folhas melladas entre ss comas verdejantes.

E os piscos de peitos pintalgados a vermelhão gorgejavam saudosas endeixas occultos na ramagem dos vallados e empoleirados nos galhos das macieiras.

—Isto sempre vai um tempo, que nem parece d'agora—observou-nos o tio Antonio Cazeiro.

—E' verdade. Não parece mesmo. —Não bole uma folha, nem a gente sente um arripio. Ahi está que o anno passado esse pomar que o senhor ahi vê, já não aguentava em cima ponta de folhagem. Estava tudo nu e despido como braços descarnados erguidos ao leo. —Olhe! e agora como ahi está verde e viçoso.

—Pois é por isso que eu digo que isto não é tempo d'esta epoca. A continuar assim, lá para o mez morto, que é o do natal, ainda essas arvores conservam a sua touca.

—E' o verão de S. Martinho que se antecipa. Mas o tio Antonio verá que o que falha ao mez não falha ao anno.

—Isso não. E' dictado cá da gente e é verdade. Estas trocas de tempo, em que nós, os lavradores fundamos agouros de annos falheiros, são ás vezes coisas *permittidas* por Deus.

—Não será tanto assim... —Creia, o senhor. Pode ser Deus não quer que se faça mal e verá como lá para a primeira metade de novembro este tempo traz calão...

—Nem admira, pois se nós vamos a entrar em cheio no inverno...

—Pois sim, mas n'esses dias combina-se e faz-se muita tratantada.

Coisas que Deus não quiz. Não me espanta que elle para evitar occasião aos desmandos dos homens mude os tempos, mandando-nos agora estes ricos dias

para nos castigar com o inverno no S. Martinho.

—Não é tanto assim, tio Antonio e a este respeito alguma coisa lhe poderia dizer...

—Pois tambem eu. E' por isso, que eu estou em crer que isto ás vezes é «permittido» por Deus. O sr. tambem sabe, porque o deve ter visto.

Toma-se para ahi n'esses dias bebedeiras de todas as castas, por que as ha de muitas. E depois que fazem para ahi com ellas? E' um desasocego toda a noite da vespera e dia do santo.

—Para os que andam na rua...

—Para todos. Os que estão em suas casas não soffrem ás vezes pouco. A questão é saber-se que gostam da pinga. Então é um desaforo todo o *trepo* se julga no direito de o vir tratar d'irmão pelo buraco da fechadura.

Vê? O sr. gostava d'isso?

—Não, com certeza.

—A mim já me aconteceu, —em tempo, hoje não o consentiria a ninguém—ser arrastado de casa e ter de albardar uma saia branca a laia d'opa, com que me infleiraram n'uma procissão!

Fazem-se tambem d'estes sacrilegios, senhor!

—Sacrilegios, não tio Antonio. Pois não sabe que o vinho exalta o sentimento da devoção?

—Não diga o tal, senhor. Não está má devoção, essa que a certas portas nos levava a dependurar ramos d'*ervilhas*, com sua licença.

—Ervilhas?!...

—Sim senhor, que é como quem diz... chifres.

—Oh!... coisas mal passadas.

—Pois ahi tem! coisas que Deus não quer. Olhe que até uma vez chegaram a prender o badalo do sino da ermida ás gaitas d'uma cabra.

—Ora!...

—Sim! Não sei lá que relação tenha o animal com a tal mordomia da noite de S. Martinho, para que ella lhe confiasse o papel de *sacristão* da confraria.

—Ora não está má!

—O que é certo é que n'uma certa banda, onde se reunia a tal mordomia, todos se congratulavam pela forma admiravel como o animal tocava a reunir a irmandade!

—Isso tem graça...

—Mas offende. Os sinos das torres—são coisas sagradas, porque dizem que são baptisados. E com isto não se brinca, pois é certo que graças a Deus muitas e graças a Deus ou coisas santas poucas ou nenhuma,

Fazem-se muitas irreverencias!

—Se é tudo isso, não é muito.

—Mais, muito mais!

Todos os annos é nomeada a commissão de S. Martinho entre os mais borrachões. Os seus nomes são lidos do alto d'um pulpito. Deus me perdoe! não é pulpito, mas banco de taberna!

E' pregado d'ali um sermão e as graças e indulgencias da confraria!

Por fim é trazida n'um andor qualquer coisa, que elles chamam santo da festa.

Imagine o sr., o santo da festa!  
—E que coisa vem a ser isso?  
—Qualquer coisa. Imagine o sr. A's vezes é mesmo um garraão cheio de vinho!

—Bella devoção, não ha duvida. O vinho alegre o coração do homem.

—Diga antes: grande maldade e irreverencia.

Mas foi para isto que Deus nos manda o verão de S. Martinho?

—O verão de S. Martinho tem uma historia. Um dia hei de contar-lh'a e então verá que não...

—Não é para isso, não senhor, seja qual for essa historia.

E' por isso que nós vemos estes tempos mudados.

—Isto é natural...

—Será, mas a mim parece-me que Deus assim o *permite*. Pelo S. Martinho fazem-se coisas Deus não quer. Verá como teremos *calão* para esse tempo.

—Veremos então. Está bem!

—Ora vá, vá, que não foi pequena a massada.

—Adeus tio Antonio! Com muito bom gosto.

Este *cavaco* tivemos-onós com o tio Antonio Cazeiro n'uma tarde d'um bello outomno, em que as arvores exhaustas na maturação de seus fructos, ostentavam raras folhas melladas entre as comas verdejantes e os piscos de peitos pintalgados a vermelhão, gorgearam saudosas endeixas occultos na ramagem dos vallados e empoleirados nos galhos das maceiras.

E aqui a reproduzimos em dia... de S. Martinho.

Alfredo

Falta d'espaco

Por absoluta falta de espaco não publicamos n'este numero *cs* artigos da nossa illustrada collaboradora Orchidea.

Por isso pedimos-lhe desculpa.



QUADRO DE HONRA



## Correio sem sel'o

Raphael de Altamira—Recebi as suas produções e dois bilhetes postaes, que por signal tive de comprar um microscopio para os ler! O senhor n'um triste bilhete postal metteu mais caracteres que mette todo o jornal «O Commercio do Porto»! Pedia-lhe para não ser tão economico, para assim tambem me poupar tempo e sobretudo a vista.

O que me pede está satisfeito por natureza, porque o senhor, ou propozitada ou casualmente omitiu o seu nome, e eu preciso d'elle, porque quero saber o nome dos soldados com que posso contar para a guerra!

Nem para si é bom, porque mandando-me 12 decifrações só contou 10!... mas eu que sou generoso contei-lhe 11 porque uma não regula pelo relogio cá da terra!

Oscar d'Alvasil—Tem razão, mas eu não tenho culpa. O pessoal typographico com certeza que acaba por succumbir a uma indigestão de *gralhadas*!

Ecila—Recebi a sua carta. Porque pergunta, se ha cá canella? Querera por ventura mimosear-me com uma travessa de aletria?

Canço—Isto até parece comedia!  
Só lhe falta musica de Offenbach!

Um pergunta se ha cá canella, e agora vem o senhor perguntar se já ha cá canço! Não ha, não senhor. E' o senhor o primeiro, e não admittimos dois pseudonimos eguaes.

Judith—Obsequeia-nos com outra remessazinha? Je vous remerci bien!

Becco & Viella—O pras o para a remessa das decifrações é de 8 e não de 11 dias. As decifrações que não estiverem em meu poder no sabbado á noute não serão aceites. As suas foram recebidas já depois de eu ter mandado todo para a redacção.

Rosa Chà—Desabrochou tarde para perfumar este n.º Cá fica na estufa á espera d'um dia de sol que nos faça lembrar o lindo sol primaveril *ainda que chova!*  
Precizo do seu nome individual. Mande.

Julio Agreste—Mande-me tambem a sua *graça*, e não tenha vergonha!

Olhe que um caloiro que se matricula na Universidade Charadistica, não vae logo tomar capello... fazendo versos!... Charadinhas em phrase, e outras quejandas, e é já andar com sorte!...

Não se agaste com este arrasoado, porque eu confesso que quando principiei a frequentar a escola do Cadella, era ainda mais burro que o senhor... Pichote!

Olhe que isto consola agente!...

## Decifrações do numero 20 da «Perola»:

2  
(á distincta charadista Orchidea)

2  
Numeros: 1. portatil, 2. mas-saroca, 3. endermo, 4. batota, 5. apisteiro, 6. cunanas, 7. bispote, 8. kleptomano, 9. nugacidade, 10 obcecar, 11. tabica, 12 lena, 13 dolente-dote, 14 alfama alma, 15 baldio-baldo, 16 maligno-mano, 17 matricaria-maria, 18 marroio-mario, 19 safa safo, 21 amata-amatar, 22 Ichó-ichor, 23 vintem-viute e 24 Emulação-emula.

A numero 20 fica fóra do concurso por ter sahido errada.

## Decifradores:

Joteba os seguintes: 1, 2, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 21, 22, 23, e 24. Total 22.

Odevesa os numeros: 1, 2, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 21, 22, 23, e 24. Total 22

Oscar d'Alvasil os numeros: 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 19, 21, 22, 23 e 24. Total 21.

Becco e Viella os numeros: 1, 2, 4, 7, 9, 11, 13, 14, 15, 16, 17, 19, 21, 22 e 23. Total 15

Raphael d'Altamira os seguintes numeros: 3, 7, 9, 11, 12, 13, 14, 16, 19, 22 e 23. Total 11.

## Em verso

1  
Ao distincto, valente e leal charista, Joteba

Foi-se a ultima esperanza, 1  
Que no meu coração jazia,  
Vou ja mudar mas sem tardança,  
P'ra limitrophe freguezia.

Do infortunio a pobre flor, 1  
Para a minha casa mudou;  
E enviando o meu valor  
Para a... mulher que me criou!

Timbira pagou laudemio  
A' bella deusa da Fortuna;  
Desejo-lhe que o premio,  
Aos outros que lá tem reuna.

Se largos dias tem cem annos,  
(E bem extenso é o percurso!)  
A desforra perdas e damnos,  
Será no proximo concurso.

O nosso valor 'stá provado,  
Pois que o sorteio não nos tirou.  
Se ha um ditoso abichado  
Vencernos é que elle não logrou!

Odevesa.

2  
Aqui tem linda ave 2  
que o animal apanhou 1.  
custou uma moeda de cobre  
a quem no mercado a comprou.

Julio Agreste.

## 3 Logographos

Agradecimento e retribuição á  
ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. «Orchidea»

A tão gentil dama que a mim se dirige  
Que pena eu tenho de não conhecer! ?  
Contupo cá venho soberbo! garboso 12, 5,  
3, 7, 8  
Com esta bolsinha p'r'aqui lh'off'recer. 1,  
2, 3, 2

Bem sei que é coisa de pouca valia 1, 8, 6, 2  
Que duma só vez della já se desfaz; 1, 2, 3  
6, 8,  
Mas junto uma sala de malha lhe mando  
1, 2, 3, 8  
E mais uma ave se tanto lh'apraz. 6, 4, 6, 4  
5, 2

Um laço «armando» cá fico ainda  
Julgando outra ave poder apanhar, 7, 8, 3, 3, 8  
P'ra ver se com carne de bell' a conserva 3,  
7, 2, 3, 4, 5, 2  
Um dia, mais tarde, lh'aposso mandar,

Agora com reverencia  
Tambem lh'o offerta um abraço  
Um rapaz mui linda flor,  
Este

Barbas de Bagaço

as gentis collegas Ailema, Antfeda, Ecila  
e D. Lina X. Castro Soares

4  
Vós tendes o condão  
que Deus deu ao rouxinol, 10 1  
d'então canções cadentes  
d'alvorada ao pôr do sol; 5 10

E á luz d'alvo luar, 3 9 10  
nas quentes noites de verão,  
incansavel sem parar  
estendê sempre a canção;

Tendes por certo, Senhoras, 3 9 8  
4 7 8 9 10 11

(e crede não sou servil)  
o mais subtil engenho  
de fazer canções as mil.

# A Perola

Eu então, pobre, só tenho  
n'este triste coração,  
uma prenda perfumada  
p'ra vos dar em saudação.

um thezouro 2 2

15 A couve é oriunda da infan-  
cia 2

Paronyma

Orchidea

10 E' agreste a cabana onde jaz  
a pessoa adoentada 2 1

16 O simplorio é d'uma região  
da grecia 4

21 Já viram um chinez como a  
cabelleira postica?!

Raphael d'Altamira

Em phrase

Gafanhoto.

Proverbio invertido para francez

5 N'um rio da Suecia o Raul  
encontrou um lago de Suecia 2 1

11 A absolvição cauza pesar a  
quem é amalucado 2 1

Duplas

A' L N T L C S H  
I I I I I I I I

Rei Pum;

17 O cenobita mahometano pa-  
rece uma cegonha 3

Anileda

Syncopada

6 Um rio d'Allemanha leva uma  
vogal para um rio de Marrocos 1 1

12 Esta bebida tem muita feli-  
cidade 3 2

Califa

Carcosmor

18 Mulher! Estás debaixo da mi-  
nha guarda 4

Enygmas typographicos

u A notas nota nota g notas

(ao Barbas de Bagaço)

Biformes

E. de Sousa

Sertor

7 A ave de rapina tem philoso-  
phia e doniminação de escriptores  
satyricos anonymos 3 2

13 Ella sestro, elle taful 3

19 N'esta serra ha uma senti-  
nalla 3

(A todos os collaboradores d'«A  
Perola»

Bècco & Viella

Ecila

Joteba.

8 A viga de ferro aperta o in-  
secto 2 1

14 Esta terra nem por ser previli-  
giada se livra da desgraça 2

Elasticas

o o lu  
UT V o o S au 500 O 49 lu 400  
oãp deixa S. lu

Joteba

20 Ji vi um ornato de linhas  
artisticamente entrelaçadas, mas...  
vulgar de Limeu 2

Judith.

9 Em 1908 encontrei no Minho

## Nova loja de fazendas

DE MANOEL ALVES CORREIA

Rua da Graça

OVAR

Neste novo estabelecimento encontrará o publico um variado sortido de fazendas, taes como:

Pannos crús, riscados, pannos patentes, morins, o que ha de melhor, ultima novidade em flanelas d'algodão, sephires setinetas, o que ha de mais chics: cobertores d'algodão, gurdasoes para homem e senhora, de fina sêda e alpaca, bengalas (novidade). Um saldo de phantazias ou castelletas e bem assim um grande sortido para estação de verão em cazemiras e cheviotes para factos d'homem, colletes de phantazia, etc., etc.

Tudo por preços baratissimos!

## MACHINAS DE COSTURA

As machinas de costura «original» de *Fri ster* e *Rossmann*, rivalisam com todas as outras. Há tambem machinas e accessorios para as mesmas, a preços muito resumidos.

Unico depositario em Ovar—*Americo Peixoto*

## Machinas de costura

As machinas de costura de original *Ideal*, são as melhores; tanto para coser, como para bordar.

Estas machinas são as mais distinctas que se fabricam na America.

Unico depositario em Ovar  
*Ludgero Peixoto*



## Officina de calçado

de

*Manoel Rosas*

Travessa da Fonte—Ovar

Officina de Carpintaria e Marcenaria

de

*José o d rígues Faneoo*

Rua dos Ferradores—Ovar

## A PEROLA

Jornal litterario—quinzenal

Anno 1 Quinta feira 11 de Novembro de 1909 N.º (29)- 21

Snr